

Comando Vermelho domina garimpo ilegal em terra indígena e transforma ouro em moeda do crime, diz PF

Category: GERAL, MEIO AMBIENTE

escrito por Maria Luiza | 29 de junho de 2026



A facção, que inicialmente atuava como segurança armada dos garimpeiros, ampliou sua presença e dominou áreas de mineração ilegal, usando o ouro para financiar outras atividades criminosas.

Uma megaoperação coordenada pela Casa Civil, do governo federal, combate desde março os crimes na região. Vários órgãos federais enviaram equipes que trabalham em conjunto.

O Fantástico acompanhou o trabalho de forças de segurança dentro do território. Desde o início da operação, é a primeira vez que uma equipe de reportagem se aproxima para entender o poderio de garimpeiros e do tráfico no local.

A Terra Indígena Sararé pertence ao povo Nambikwara desde 1985, quando aconteceu a demarcação. A região ocupa áreas de três cidades e soma 67 mil hectares, com 1.117 pontos de garimpo. Até poucos meses atrás, mais de 2 mil pessoas estavam dentro do território extraíndo o ouro.

A exploração ilegal na região era tão agressiva e envolvia tantas pessoas que, segundo a inteligência da operação, um dos

locais passou a ser chamado de “vila”.

“Aqui a gente tinha bar, tinha comércio, tinha farmácia. Você tinha toda uma estrutura de um vilarejo”, disse o coordenador da operação pela Casa Civil, Nilton Tubino.

O território também tem túneis escavados para apoiar a exploração do ouro e usados pelo Comando Vermelho para esconder armas e munições, segundo a polícia.

As investigações indicam que o Comando Vermelho começou a atuar na região em 2023, oferecendo proteção armada para garimpeiros. Aos poucos, a facção tomou o controle da região.

“Eles utilizam ouro como moeda de troca, para encaminhar o ouro a países vizinhos e receber de volta um entorpecente ou armamento”, disse Rodrigo Vitorino, delegado da Polícia Federal.

Imagens reunidas por investigadores mostram as tentativas de intimidação dos criminosos. Segundo a Polícia Federal, vídeos mostram traficantes aparecem exibindo armamento e escoltando um trator para abrir caminho na terra indígena.

A operação apreendeu mais de 42 mil litros de óleo diesel e 153 kg de ouro, além de destruir 33 túneis, quase 4 toneladas de explosivos, 200 acampamentos, mais de 800 motores e 31 máquinas de escavação.

A investigação também prendeu 72 pessoas e estima que o prejuízo para o garimpo ilegal passa de R\$ 110 milhões.

Na última quinta-feira (25), a PF cumpriu um mandado de busca e apreensão contra um homem acusado de vender máquinas e fuzis para os traficantes.

“O armamento de grosso calibre adentrou a terra indígena a partir da presença dos faccionados. Os criminosos se utilizam de esconderijos para esconder o armamento e fugir pela mata a fim de se esvair da atuação policial”, disse o delegado

Rodrigo, da PF.

Impactos para o meio ambiente

Além da violência, a presença de traficantes afeta a preservação do meio ambiente, numa área que há décadas está desprotegida.

No chamado Garimpo do 4, a retirada de terra atingiu o lençol freático. O Rio Sararé também apresenta sinais de poluição provocada pela atividade.

O uso de mercúrio e cianeto deixa consequências que podem durar séculos. “Pode demorar centenas de anos para que a área volte a se recuperar e permita o retorno de parte da flora e da fauna”, disse Sérgio Suzuki, agente do Ibama.

“Arrebentou toda a natureza, acabou. Ficou muito difícil para a gente sobreviver”, disse um indígena que não quis mostrar o rosto por motivos de segurança.

O governo do Mato Grosso disse que está construindo, em um dos acessos da Terra Indígena Sararé, uma base policial de apoio e integração entre as forças estaduais e federais. E afirmou que está à disposição para atuar em parceria com o governo federal.

Os Nambikwara buscam retomar o que tinham no passado: paz, liberdade e respeito ao território que, para eles, é sagrado.

Fonte: g1 e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso
29/06/2026/08:09:54

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com

credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](#)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](#) (Claro)
- Site: www.folhadoprogresso.com.br e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail: adeciopiran.blog@gmail.com